

# AS RELAÇÕES ANGLO-IRLANDESAS EM PERSPECTIVA HISTÓRICO-GEOGRÁFICA

Mauricio Metri<sup>1</sup>

## RESUMO

---

As Ilhas Britânicas são um arquipélago formado sobretudo pelas Ilhas da Grã-Bretanha e da Irlanda. Há mais de oito séculos, as disputas entre ingleses e irlandeses têm sido intensas, revelando uma certa perenidade e uma tensão estrutural. O objetivo do presente trabalho é analisar as relações anglo-irlandesas com base numa concepção histórico-geográfica. Para tanto, parte-se das especificidades geográficas que caracterizam as Ilhas Britânicas a fim de se entender como estas têm moldado as relações entre os povos das Ilhas.

**Palavras-chave:** Irlanda. Inglaterra. Geopolítica. Mackinder.

---

<sup>1</sup> Doutor em Economia pelo Instituto de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IE-UFRJ). Professor Adjunto da Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: metri.mauricio@gmail.com

## INTRODUÇÃO

Estima-se que, em 1909, o império britânico abrangesse aproximadamente um quarto da população mundial, cerca de 440 milhões de súditos, mais de dez vezes a população da própria Inglaterra e, em termos territoriais, uma área de 32,5 milhões de km<sup>2</sup>, cerca de 25% das terras do globo. Em termos comparativos, o território do império britânico era três vezes maior do que o francês e dez vezes o alemão<sup>2</sup>. Do ponto de vista econômico, “Em 1914, o valor bruto nominal do estoque de capital britânico investido no exterior era (...) entre dois quintos a metade de todos os recursos pertencentes a estrangeiros.” (Ferguson, 2010: 256).

Desde muito cedo, a Inglaterra atribuiu à Irlanda considerável relevância estratégica, por conta da proximidade e por ambas fazerem parte do conjunto das Ilhas Britânicas, definindo-a como alvo prioritário de dominação e ocupação. Chama atenção como a geografia tem condicionado a história das relações anglo-irlandesas, marcada por intensos e recorrentes conflitos derivados de antagonismos recíprocos de difícil superação.

Nessa história, dada a assimetria de poder, não deixa de ser surpreendente que, no auge do Império Britânico em termos territoriais, houvesse ocorrida a independência da Irlanda em 1921, nascida de um processo de resistência, de origem bastante antiga, voltado à emancipação do povo local contra a dominação empreendida por seu vizinho próximo. Não por outra razão, ao longo do ano de 2016, na República da Irlanda, ocorreram diversas comemorações relacionadas ao centenário do Levante da Páscoa; uma rebelião que, embora tenha sido fracassada, germinou o processo que, posteriormente, resultaria na Guerra de Independência Irlandesa de 1919-21.

O objetivo do presente trabalho é analisar em linhas gerais as relações anglo-irlandesas a partir de uma perspectiva histórico-geográfica. Para tanto, além desta introdução e de uma conclusão ao final, o presente artigo está organizado com base em outras quatro seções: a próxima aborda a importância da geografia para as relações interestais; e as demais seções tratam de três diferentes fases da história das relações anglo-irlandesas.

---

<sup>2</sup>Para mais detalhes ver Ferguson (2003, p. 256) e Parsons (1999, p. 6).

## A COERÇÃO GEOGRÁFICA NAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS

A história do homem pode ser pensada a partir de suas relações com o meio que o cerca. Este não como uma moldura ao fundo, mas como uma realidade que se impõe e constrange as sociedades e seus caminhos ao longo tempo. Disto tratou o historiador Fernand Braudel quando cunhou o termo “coerção geográfica”, ao abordar as temporalidades estruturais que condicionam a história humana<sup>3</sup>.

Para o sistema internacional, nada muito diferente. A geografia tem influenciado sobremaneira as relações interestatais. Um imperativo cuja negligência compromete parte das análises a respeito das trajetórias nacionais em geral. Isto porque “o mais estável dos fatores de que depende o poder de uma nação é obviamente a geografia<sup>4</sup>.”

Ademais, a percepção hobbesiana de que cada unidade político-territorial do sistema internacional se constituiu numa ameaça em potencial às demais torna a perspectiva de confronto e as próprias guerras um resultado crônico da história desse sistema, marcado por uma perene pressão competitiva de “uns em relação aos outros<sup>5</sup>”.

Porque o exercício da conquista (ou da defesa) e o desenvolvimento das atividades econômicas necessárias ao esforço de guerra envolvem sempre uma dimensão territorial, a geografia adquire caráter de saber estratégico nas relações interestatais. Não por outra razão, entre as grandes potências disseminam-se reflexões acerca do espaço externo próximo e

---

<sup>3</sup> “Certas estruturas, por viverem muito tempo, tornam-se elementos estáveis de uma infinidade de gerações: atravancam a história, incomodam-na, portanto, comandam-lhe o escoamento. Outras estão mais prontas a se esfacelar. Mas todas são, ao mesmo tempo, sustentáculos e obstáculos. Obstáculos, assinalam-se como limites dos quais o homem e suas experiências não podem libertar-se. (...) O exemplo mais acessível parece ainda o da coerção geográfica. Durante séculos, o homem é prisioneiro de climas, de vegetações, de populações animais, de culturas, de um equilíbrio lentamente construído, do qual não se pode desviar-se sem o risco de por tudo novamente em jogo.” Braudel (2007, p. 49-50).

<sup>4</sup> Morgenthau (2003, p. 215).

<sup>5</sup> E contra esta desconfiança de uns em relação aos outros, nenhuma maneira de se garantir é tão razoável como a antecipação; isto é, pela força ou pela astúcia, subjugar as pessoas de todos os homens que puder, durante o tempo necessário para chegar ao momento em que não veja qualquer outro poder suficientemente grande para ameaçá-lo. E isto não é mais do que sua própria conservação exige, conforme é geralmente admitido. (...) Com isto se torna manifesto que, durante o tempo em que os homens vivem sem um poder comum capaz de os manter a todos em respeito, eles se encontram naquela condição a que se chama guerra; e uma guerra que é de todos os homens contra todos os homens. Pois a guerra não consiste apenas na batalha, ou no ato de lutar, mas aquele lapso de tempo no qual a vontade de travar batalha é suficientemente conhecida.” (Hobbes, 1651, p. 75).

de interesse para delinear suas estratégias (sobretudo política, militar e econômica) frente às ameaças externas e aos antagonismos internacionais, a fim de aproveitar vantagens e/ou mitigar vulnerabilidades. Em última instância se está diante da geopolítica: ponte entre a geografia e as relações internacionais como pensada dentro da tradição realista. Em síntese, “(...) a virtú das nações está submetida inexoravelmente à fortuna dos fatos geográficos.” (Mello, 2011, p. 34).

Nessa perspectiva de coerção geográfica sobre trajetórias nacionais e relações interestatais, não seria nenhum absurdo supor que as disputas entre autoridades centrais no sistema internacional desde o Medievo envolveram questões de natureza geopolítica, muito embora, em diversos momentos, não tenham sido formuladas clara e explicitamente. Uma tônica quase milenar das relações entre Irlanda e Inglaterra, como se verá a seguir.

## DA AMEAÇA RECÍPROCA À ENGENHARIA SOCIAL NO ULSTER

Localizadas na costa Noroeste da Europa continental, as Ilhas Britânicas são um arquipélago com mais de 315 mil km<sup>2</sup>, composto sobretudo pelas Ilhas da Grã-Bretanha (território das atuais Inglaterra, Escócia e País de Gales) e da Irlanda (território das atuais Irlanda do Norte e República da Irlanda), além de outros ilhéus (Ver Figura 1). Do ponto de vista espacial, as Ilhas da Irlanda e da Grã-Bretanha estão muito próximas, formando entre si o Mar da Irlanda, que possui duas saídas para o Oceano Atlântico, os Canais do Norte e de São Jorge (ao sul).

A proximidade entre ambas as Ilhas (Irlanda e Grã-Bretanha) e a insularidade do conjunto das Ilhas Britânicas ao continente têm influenciado há séculos as relações entre os povos de ambas as Ilhas, assim como suas interações e inserções no sistema internacional.

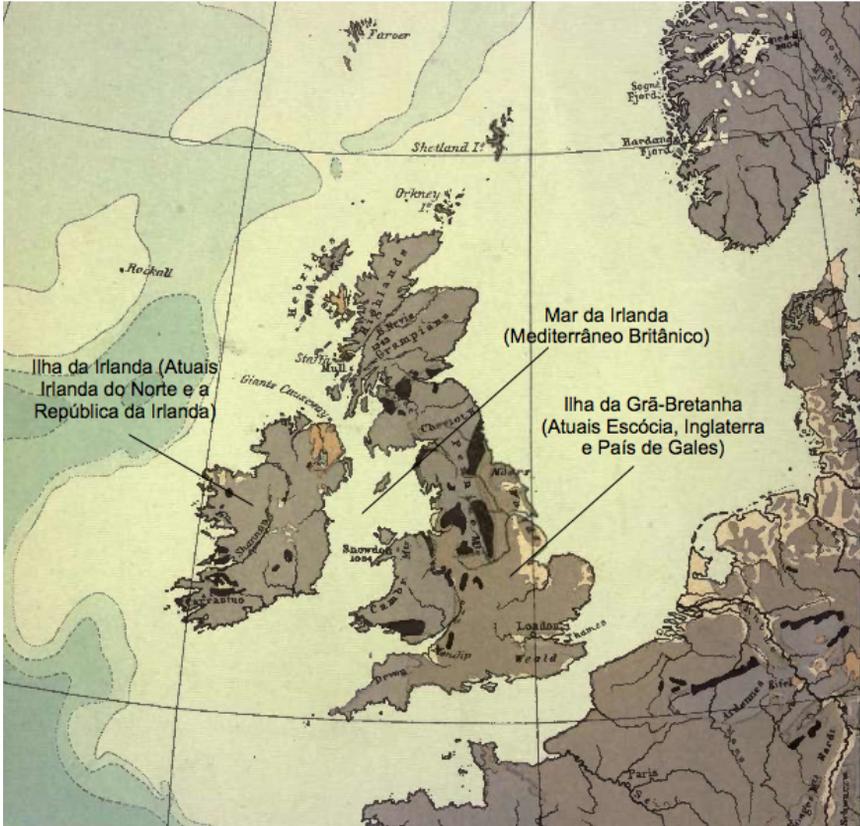
Na historiografia, há certo consenso acerca do início das invasões inglesas na Irlanda: a consolidação da Dinastia Plantageneta na Inglaterra, com a ascensão de Henrique II (1154-1189)<sup>6</sup>. Naqueles tempos, as relações entre os povos das duas Ilhas já se pautavam pela noção de ameaça recíproca, algo próprio da Europa Ocidental durante as Idades Médias Plena (séculos XI-XIII) e Tardia (séculos XIV-XV)<sup>7</sup>. Henrique II

---

<sup>6</sup> Ver Duffy (1997. Part. II).

<sup>7</sup> “Exatamente porque o relacionamento entre um dono de propriedade e outro nessa sociedade [medieval] era análogo ao que hoje existe entre Estados, a aquisição de novas terras por um indivíduo representava uma ameaça direta ou indireta aos outros. Implicava, como hoje, uma mudança de equilíbrio no que era em geral um sistema muito instável de balanço de poder, no qual os governantes eram sempre potenciais aliados ou inimigos uns dos outros. Esse foi, por conseguinte, o mecanismo simples que, nessa fase [séc. XII-XV] de expansão interna e externa, manteve tanto os cavaleiros mais ricos e poderosos quanto os mais pobres em constante movimento, todos eles sempre em guarda contra a expansão dos outros e invariavelmente procurando aumentar suas posses.” (Elias, 1993, p. 47).

Figura 1 – Ilhas Britânicas e Seus Mares



Fonte: A partir de Mackinder, H. (1902, contracapa).

aproveitou-se do acirramento das rivalidades entre as cinco dinastias que dominavam a Ilha da Irlanda e não somente orquestrou invasões, a partir de Wexford em 1169, Waterford em 1170 e Dublin em 1171, como também assumiu o controle de terras ricas, resguardando para si o provimento dos recursos materiais necessários ao exercício da defesa e da ocupação dos territórios tomados. Por isto, alguns historiadores as definiram como efetivas iniciativas de colonização.

The Conquerors found it relatively easy at first to defeat the Irish in battle. What made their involvement in Irish history so crucial, however, was not their military success, but rather what they chose to do with the lands they had won. It was colonization rather

than conquest which changed the course of Irish history after 1171. (Duffy, 2012, p. 38, Grifo Nosso).

Já havia o entendimento de que o Mar da Irlanda, Mediterrâneo Britânico, não se constituía propriamente numa barreira, num fosso, mas sim num canal de comunicação e integração das Ilhas, e a guerra se revelava uma força integradora de territórios nessa fase do Medievo<sup>8</sup>.

As reações e lutas dos irlandeses contra as invasões não pararam, assim como a disposição inglesa em reprimi-las<sup>9</sup>. A partir de então até o final do século XX, por conta de a principal fonte de ameaça provir da outra margem do Mar, a insularidade da Ilha da Irlanda transformou-se no elemento norteador de suas relações com o resto do mundo, definindo inclusive as próprias percepções identitárias, culturais e (geo)políticas. Erigiu-se, com efeito, desde muito cedo, a noção estruturante de uma ilha, um povo<sup>10</sup>.

Depois da derrota para a França na Guerra de Cem Anos, em 1453, a Inglaterra foi expulsa do continente europeu e "(...) sem ter consciência disso na época, tornou-se uma ilha, isto é, um espaço autônomo, distinto do continente" (Braudel, 1998, p. 326). Viu-se então confinada ao outro lado do Canal da Mancha e diante das novas ameaças provenientes do continente, o Império Habsburgo de Carlos V (1516-1556) e Felipe II (1556-1598) e a França de Francisco I (1515-1547) e Henrique IV (1572-1610).

Ocorre que a expansão russa na Europa e na Ásia a partir de 1462<sup>11</sup>

---

<sup>8</sup>Segundo Fiori, para esse período da história europeia, "(...) a guerra também cumpriu o papel de aproximar territórios e unificar populações, eliminando concorrentes e centralizando poder." (Fiori, 2004, p. 22).

<sup>9</sup>"Na Irlanda a situação é bem diferente: no século XII, o inglês instalou-se no Pale [região em que se localiza a cidade de Dublin], como mais tarde nas suas colônias da América. O irlandês é seu inimigo, o indígena desprezado e temido ao mesmo tempo. Daí as incompreensões, muito abuso e horrores cujo sinistro balanço já não pode fazer: os historiadores ingleses fizeram-no com lucidez e honestidade. É certo, como diz um deles, que "os irlandeses foram, com os negros vendidos como escravos, as grandes vítimas do sistema que assegurou à Grã-Bretanha sua hegemonia mundial." (Braudel, 1998, p. 344-345).

<sup>10</sup>Nas palavras de Michael Collins, "For 700 years the untied effort has been to get the English out of Ireland. (...) Through those centuries - through hopes and through disappointments - the Irish people have struggled to get rid of a foreign Power which was preventing them from exercising their simple right to live and to govern themselves as they pleased - which tried to destroy our nationality, our institutions, which tried to abolish our customs and blot out our civilization, - all that made us Irish, all that united us as a nation. (...) The Irish struggle has always been for freedom - freedom from English occupation, from English interference, from English domination - not for freedom with any particular label attached to it." (Collins, 1922, p. 9-10).

<sup>11</sup>Ver Times (1993, p. 158-159).

e a expansão ultramarina comandada pelos ibéricos, sobretudo a partir de 1488<sup>12</sup>, empreenderam a mais importante revolução geográfica do sistema internacional, fosse pela conquista e presença russa cada vez maior no que viria a ser o Heartland de que falou H. Mackinder<sup>13</sup>, fosse com a descoberta do Novo Mundo e das novas rotas para o Índico e o Extremo Oriente<sup>14</sup>.

Diante da derrota na Guerra de Cem Anos, do fortalecimento dos rivais no continente e da revolução geográfica do sistema, ocorreu uma progressiva alteração da geoestratégia inglesa, a saber: deixou de se pautar por disputas por posições territoriais no continente, orientando-se cada vez mais pela manutenção do equilíbrio de poder europeu, ao mesmo tempo em que suas fronteiras de expansão deslocaram-se para a conquista de domínios coloniais e posições privilegiadas além-mar (rotas comerciais, mercados e áreas de exploração no exterior - Novo Mundo, África, Índia e Extremo Oriente). Por isto que Mackinder dividiu a história da Inglaterra em antes e depois de Cristóvão Colombo.

Seen thus in relation to earlier and to later history, Britain is possessed of two geographical qualities, complementary rather than antagonistic: insularity and universality. Before Columbus, the insularity was more evident than the universality. (...) After Columbus, value began to attach to the ocean-highway, which is in its nature universal. Even the great continents are only vast islands and discontinuous; but every part of the ocean is accessible from every other part. (Mackinder, 1902, p. 11).

Com efeito, a Inglaterra modificou também paulatinamente a natureza de sua relação com todos os povos do conjunto das Ilhas Britânicas (Gales, Escócia e Irlanda): de ameaças diretas e espaços de colonização, a partes constitutivas da geoestratégia de defesa da Inglaterra, cujos controles e enquadramentos tornaram-se um imperativo. Daí nasceu um antagonismo de difícil conciliação. De um lado, para a Inglaterra, a

<sup>12</sup> Ver Times (1993, p. 152-153).

<sup>13</sup> Para mais detalhes ver Mackinder (1904) ou Mello (2011).

<sup>14</sup> "O desafio representado pelas invasões provenientes do Leste teve como repto a dupla reação europeia à pressão das hordas centro-asiáticas: a expansão territorial russa e a expansão oceânica ibérica. A expansão russa representou um contra-ataque direto e frontal, que rolou para trás e colocou na defensiva as hordas mongóis; a expansão portuguesa assumiu a forma de uma estratégia de aproximação indireta, desbordando pelo flanco e pressionando pela retaguarda a posição central dos invasores asiáticos." (Mello, 2011, p. 43).

referência de seu “perímetro de segurança” deixou de ser apenas o seu território nacional de origem, diante das ameaças externas em geral. Incorporou, notadamente, o conjunto de todas as Ilhas Britânicas frente os gigantes continentais, o que significava o enquadramento e a submissão dos demais povos locais. Por outro lado, para a Irlanda, sua percepção geopolítica seguiu pautada pela idéia de *uma ilha, um povo*.

A norte e a leste, a Inglaterra se limita com regiões montanhosas de difícil acesso, sobretudo pastoreio, pobres durante muito tempo, pouco povoadas e por celtas quase sempre refratários à cultura inglesa. Impor-se a esses vizinhos foi o processo crucial da história interna das Ilhas Britânicas, empreendimento que só admitia más soluções, as da força. (Braudel, 1986, p. 342, grifo nosso).

Ainda havia, contudo, outro complicado antagonismo anglo-irlandês em gestação. Com a Reforma de 1534, a Inglaterra rompeu com a Igreja Católica de Roma e criou a própria religião, a Anglicana, instituindo o monarca britânico como seu chefe supremo em detrimento do papa.

Portanto, fosse por antagonismos geopolíticos (ameaças recíprocas derivadas de dois entendimentos distintos acerca da inserção da Ilha da Irlanda no tabuleiro europeu), fosse por rivalidades religiosas (derivados de dois postulantes antagônicos à herança da cristandade ocidental), havia uma profunda oposição entre ingleses protestantes e irlandeses católicos, além de uma convergência natural de interesses entre estes e os inimigos continentais da Inglaterra, destaque para as católicas França e Espanha.

As relations with France, the Empire and Spain deteriorated, English concern about the fragility of Ireland’s defenses against continental invasion grew. The Reformation reached Ireland as part of Henry VIII’s program of breaking with the papacy and chaining Church and state institutions more tightly to the monarchy (Duffy, 2012, p. 50).

Por isto que, depois da Guerra de Nove Anos Irlandesa (1594-1603), forjou-se entre as autoridades inglesas a idéia de que a Irlanda Católica representava uma oposição irremediável a interesses basilares da Inglaterra e, portanto, constituía-se numa das principais ameaças

a ser enfrentada. Foi diante deste quadro que o Rei Jaime I (1603-1625) empreendeu uma iniciativa radical de “engenharia social” em larga escala com duplo sentido (geopolítico e religioso): o estabelecimento de colonos protestantes nas terras de lordes gaélicos do norte exilados depois da derrota das tropas de Hugh O’Neill na já citada Guerra de Nove Anos Irlandesa<sup>15</sup>. Tomaram e dividiram as terras do Ulster (grosso modo, atual Irlanda do Norte) em blocos e apenas uma pequena parte da região permaneceu com irlandeses católicos.

Nascia então uma profunda fratura político-sócio-religiosa na Ilha da Irlanda, que permanece ainda hoje: uma divisão entre o Norte protestante e o Centro-Sul católico. Do ponto de vista inglês, forças aliadas foram instauradas dentro da Ilha da Irlanda de modo a enfrentar diretamente as iniciativas que ameaçassem as posições e os domínios ingleses. Para os irlandeses, criou-se um estado permanente de tensão entre as partes e grupos que ocupavam a Ilha, cuja dinâmica resultou em enfrentamentos, conflitos e violência de tempos em tempos.

No reinado de Carlos I (1625-1649), a coroa inglesa expandiu a política de plantações e assentamentos na Irlanda. O mesmo ocorreu durante a República. As tropas de Cromwell sitiaram e massacraram as cidades de Drogheda e Wexford em 1649, para onde haviam fugido ingleses monarquistas e irlandeses católicos rebeldes. Apesar de retornar à Inglaterra em 1651, Cromwell aprofundou a política de desenraizamento das populações irlandesas católicas. O parlamento inglês aprovou a Lei de Sucessão em 1652, decretando que a nobreza católica rebelde perderia suas propriedades e seria exilada para as regiões pobres a oeste do Rio Shanon. Como resultado, no final da década de 1650, poucas terras ainda pertenciam aos irlandeses católicos, à exceção de Galway, o que significou a ascensão de uma nova classe dominante ora protestante.

After the confiscations and plantations of the previous century, the preponderance of Irish land was now owned by the new Protestant élite which presided over rapid economic growth in agriculture and manufacturing. In town and country, the old elites had been ousted from political and economic power and distanced by Reformation from Crown.

---

<sup>15</sup> “The succeeding Stuart administration seized the opportunity for further colonization in Ulster after the pivotal event of the flight of the Earls in 1607. The central institutions of the state were in theory now effective throughout the land. The new English community comprising recently-arrived protestant officials, planters and ecclesiastics asserted its rights to be considered the ruling class in place the Old English élite” (Duffy, 2012, p. 53).

The Restoration represented the triumph of new Protestant colonial class which aspired to political, social and economic ascendancy in 18th century Ireland. (Duffy, 2012, p. 53).

A Revolução Gloriosa inglesa de 1688 e a derrota do Rei Jaime II (católico) asseguraram o domínio protestante no conjunto das Ilhas Britânicas, o que se refletiu por todo o século XVIII. Diante do receio de novas revoltas, elaboraram o estatuto em defesa do poder inglês protestante, cujo objetivo era garantir que os irlandeses católicos não reconquistariam posições de poder de onde pudessem retomar o domínio da Ilha. Para tanto, foram banidos do parlamento e de cargos públicos, impedidos de votar, presidir escolas e comprar terras. A maioria dos irlandeses católicos se transformou em arrendatários ou trabalhadores de proprietários protestantes anglo-irlandeses. A despeito dessas ações, a Igreja Católica e a população irlandesa continuaram crescendo ao longo do século XVIII<sup>16</sup>.

Em 1791, fundou-se a primeira organização dedicada a romper o vínculo da Irlanda com a Inglaterra, denominada Irlandeses Unidos, com base em ideais de uma Irlanda Laica e Republicana. Com a deflagração da guerra entre Inglaterra e França em 1793, ocorreu uma aproximação, temida pelos ingleses, entre o movimento Irlandeses Unidos e os revolucionários franceses, despertando inclusive o apoio improvável de setores católicos irlandeses aos ideais revolucionários de caráter laico e republicano. Na existência de um inimigo comum, o inglês viabilizou tal convergência de interesses dissonantes. Esta aliança conseguiu algumas vitórias. No entanto, no momento decisivo do confronto, os soldados franceses não desembarcaram e, como resultado, a Inglaterra conseguiu reprimir os insurgentes e empreendeu uma nova onda de terror. Wolfe Tone, líder revolucionário, foi condenado à morte, tornando-se mártir de uma Irlanda

---

<sup>16</sup>“(…) é a sujeição irlandesa ao mercado inglês, a sujeição total que fez do comércio com a Irlanda ‘ao longo de todo o século XVIII [...] o ramo mais importante dos tráficos ingleses além-mar’. A exploração organiza-se a partir dos domínios de anglo-irlandeses de religião protestante, que confiscaram para si três quartas partes da terra irlandesa. Sobre um rendimento de quatro milhões de libras, a Irlanda rural paga aos proprietários ausentes uma contribuição anual da ordem de 800.000 libras; antes de terminar o século XVIII, chegará ao milhão. Nessas condições, o campesinato irlandês fica reduzido à miséria, tanto mais que é atingido por uma demografia crescente.” (Braudel, 1998: 345).

independente e laica<sup>17</sup>. Fernand Braudel resumiu tais acontecimentos, como também apontou a questão central que permeia a secular relação anglo-irlandesa: a geografia.

Decerto perdeu-se então uma grande oportunidade, pois pouco depois, com a Revolução Francesa e os desembarques militares que ela organizou na Ilha, o drama voltou a se instalar na Irlanda. De certo modo, tudo se repetiu. Tanto isso é verdade que, segundo Vidal de la Blache, a Irlanda, próxima demais da Inglaterra para lhe escapar, grande demais para ser assimilada, foi sempre vítima da sua localização geográfica (Braudel, 1998, p. 346-347).

## A GEOESTRATÉGIA INGLESA E A INDEPENDÊNCIA DA IRLANDA

A geoestratégia inglesa para o conjunto das Ilhas Britânicas adquiriu uma formulação plena com a publicação em 1902 do livro “*Britain and The British Seas*” de Halford Mackinder. O autor propôs analisar a geografia física das Ilhas em seu conjunto para refletir sobre o contexto estratégico adequado ao exercício do poder militar inglês.

The aim of each is to present a picture of the physical features and condition of a great natural region, and to trace their influence upon human societies. (...) Britain is the smallest, and is known in such detail that it has been possible to attempt a complete geographical synthesis. (Mackinder, 1902, p. vii).

Para o autor, apesar de as terras britânicas não estarem no continente, sendo protegidas por sua insularidade, elas não deixam de fazer parte da Europa e, mais importante, não deixam de receber seus estímulos. Do ponto de vista geográfico, Mackinder mencionou ainda

---

<sup>17</sup> Nas palavras de Theobald Wolfe Tone, líder da Rebelião Irlandesa de 1798: “To subvert the tyranny of our execrable government, to break the connection with England, the never failing source of all our political evils, and to assert the independence of my country - these were my objects. To unite the whole people of Ireland, to abolish the memory of all past dissensions, and to substitute the common name of irishman, in the place of the denominations of Protestant, Catholic, and Dissenter - these were my means.” (Ranelagh, 1999, p. 83).

outros quatro aspectos principais acerca das Ilhas Britânicas. O primeiro refere-se às diferenças entre as costas do Sudeste e do Noroeste do conjunto das Ilhas. No lado Noroeste, há uma costa acidentada, formada por promontórios e inúmeros ilhéus, desfavorável à invasão estrangeira<sup>18</sup> (Ver Figura 2).

O segundo aspecto são os canais marítimos de acesso ao Mar da Irlanda, ou seja, o canal do Norte e o de São Jorge<sup>19</sup>. Constituem-se nas portas de entrada do mar interior britânico, o Mar da Irlanda, definido pelo autor como terceiro aspecto. Este, por sua vez, configura-se mais como uma via de contato e comunicação do que uma barreira entre as Ilhas da Irlanda e da Grã-Bretanha<sup>20</sup>. Por fim, o quarto e mais importante dos aspectos geográficos descritos refere-se à área de mar ao sudoeste do conjunto das Ilhas Britânicas, conhecido como Mar Celta, margeada em seu nordeste por um conjunto de promontórios. Estes, na verdade, estendem-se em linhas um tanto convergentes para o oeste e para o sul a partir do conjunto das Ilhas Britânicas em direção ao centro desta área de mar. A partir do Mar Celta é possível acessar e penetrar: o Canal da Mancha e, com efeito, o Mar do Norte (nordeste da Europa); o Canal de Bristol; o Canal de São Jorge e, com efeito, o Mar da Irlanda; assim como as vias oceânicas de todo o mundo a partir de sua projeção direta ao Atlântico Norte. Localiza-se aí, no Mar Celta, ao sul da Irlanda, ao sudoeste da Inglaterra e a oeste da Bretanha (França) a antecâmara da marinha da Grã-Bretanha<sup>21</sup> (Ver Figura 2).

<sup>18</sup> "The clue to many contrasts in British geography is to be found in the opposition of the south-eastern and north-western the inner and outer faces of the land. (...) Beyond, on the oceanic side, between the Scilly Isles and the Orkneys, is a great curve of jagged coastline, broken into promontories and islands. More than five thousand out of the five thousand five hundred islets said to be contained in the British archipelago are set along its north-western border. (...) The south-eastern coasts of Britain are relatively flat, and the occasional cliffs are for the most part merely the cut edges of low table-lands, such as constitute the chalk Wolds and Downs." (Mackinder, 1902, p. 14).

<sup>19</sup> "Two of the larger channels which penetrate the oceanic edge of Britain bend inward and join, detaching the great fragment of land which constitutes Ireland." (Mackinder, 1902: 15).

<sup>20</sup> "The seas which divide Ireland from Great Britain are truly inland waters (Fig. 13). They penetrate through the mountainous oceanic border of Britain to the plains of the interior, and in certain parts present long stretches of flat shore, as in Lancashire and to the north of Dublin. The Irish Sea is a British Mediterranean, a land-girt quadrilateral, wholly British, whose four sides are England, Scotland, Ireland, and Wales." (Mackinder, 1902, p. 20).

<sup>21</sup> "Brittany, Cornwall, the south of Ireland, the southern peninsula of Wales, even the northern and smaller Welsh peninsula, form a group of promontories thrust oceanward - westward and southward - along some what convergent lines (Fig. 12). Between them the ocean penetrates on the one hand through the English Channel into the Narrow Seas, on the other hand, in rear of Ireland, through the St. George's Channel into the Irish Sea. Just as the Thames estuary branches from the nameless arm of the North Sea, giving to it a bifurcate character and defining Kent, so the Bristol Channel branches from the St. George's Channel, dividing Wales from Cornwall, or, as it used to be called, West Wales. The ocean-ways from all the world, except North-eastern Europe, converge from west and south upon the sea-area off the mouths of the Channels. Here, therefore, to south of Ireland and to west of Cornwall and Brittany, is the marine antechamber of Britain. (Mackinder, 1902, p. 19-20).

Em resumo, de acordo com esta concepção, a Irlanda está nas bordas do núcleo central do poder marítimo britânico; é parte constitutiva e integrante da geoestratégia inglesa em relação à Europa e ao Mundo; e está ao centro, portanto, das estratégias de defesa e projeção do poder naval inglês, como formulada no ápice da hegemonia britânica de seu poder imperial de presença global<sup>22</sup>.

Porém, foi nessa conjuntura de apogeu do poder britânico que ocorreu o crescimento do nacionalismo irlandês a partir de 1870, seguido de uma escalada de militarização e tensão entre as regiões católicas nacionalistas e as protestantes unionistas na Ilha da Irlanda. Tratou-se de um processo cuja dinâmica resultou anos mais tarde na efetiva divisão política da Ilha da Irlanda e na Independência de sua porção centro-sul depois da Primeira Guerra Mundial.

O Levante da Páscoa de 1916, apesar de seu rápido fracasso, deflagrou os acontecimentos que estiveram nas origens da Guerra de Independência da Irlanda de 1919-21. A execução e o massacre dos insurgentes, a imposição de lei marcial e as prisões em massa ocasionaram a formação, mobilização e radicalização do Exército Revolucionário Irlandês (IRA), como também proporcionaram as condições políticas para o sucesso do Sinn Fein nas eleições parlamentares de 1918, liderado por sobreviventes do movimento do Levante da Páscoa. Em vez de ir para Westminster, em janeiro de 1919, o partido criou o governo de ruptura e fundou a auto-proclamada Assembléia Republicana, cujo líder era Éamon de Valera e cujo ministro das finanças era Michael Collins. Por outro lado, o IRA, organizado por Collins, dentre outros personagens históricos, iniciou uma guerrilha contra as forças britânicas, de cujo desfecho derivou a independência da Irlanda. Um resultado procurado há sete séculos. Tratou-se de uma derrota expressiva da Inglaterra dada a assimetria de poder entre as partes e o seu significado geopolítico.

No Tratado Anglo-Irlandês de 6 de dezembro de 1921<sup>23</sup>, determinou-se, em seu primeiro ponto, que a Irlanda teria o mesmo status constitucional do Canadá na Comunidade Britânica de Nações, ou seja, um estado autônomo dentro do Império Britânico, denominado de Estado Livre Irlandês, com um Parlamento com poderes para legislar e um Executivo responsável perante o Parlamento. Ocorreria também a retirada das forças militares britânicas do novo Estado. Porém, como parte da Comunidade Britânica de Nações, o Estado Livre da Irlanda deveria prestar juramento de lealdade à coroa (*Oath of Allegance*), além de ter que aceitar a presença de representante inglês em seu território (*Office of Governor-Central*).

---

<sup>22</sup> Para mais detalhes ver também Sloan (2007).

<sup>23</sup> <<http://treaty.nationalarchives.ie/document-gallery/anglo-irish-treaty-6-december-1921/anglo-irish-treaty-6-december-1921-page-1>>. Acesso em: 18 dez. 2016.

Figura 2 – A Antecâmara da Marinha Britânica



Fonte: A partir de Mackinder, H. (1902, contracapa).

Do ponto de vista militar e geopolítico, no sexto ponto do Tratado, ficou definido que, apesar de o Estado Livre Irlandês assumir sua própria defesa costeira, as forças imperiais de Sua Majestade seguiriam empreendendo o controle dos mares das Ilhas Britânicas. Para tanto, assegurariam o domínio de portos estratégicos da Irlanda, ao norte Lough Swilly e ao sul Bantry Bay e Cobh. Ainda em seu oitavo ponto, o Tratado tentou impor limites relativos ao armamento irlandês. Cabe observar que os termos do Tratado teriam status superior às leis irlandesas posteriores, mesmo em relação à nova constituição a ser elaborada.

Em seu ponto mais controverso, o Tratado definiu também que a Irlanda do Norte, criada um pouco antes pela Lei do Governo da Irlanda de 1920, teria a opção de se separar do Estado Livre da Irlanda no prazo de

um mês após a entrada em vigor do Tratado, mantendo-se sob o controle direto do Reino Unido, além de continuar contando com a presença militar inglesa. Consolidou-se, com efeito, uma efetiva cissão territorial dentro da Ilha da Irlanda, que se orientara secularmente pela idéia de *uma ilha, um povo*. Do ponto de vista da longa história das relações anglo-irlandesas, a engenharia social iniciada no século XVII pelo monarca Jaime I havia gerado marcas profundas.

Para os Irlandeses, a tão almejada independência ou, pelo menos, seu primeiro passo mais significativo, com a efetiva saída das tropas inglesas do território do recém criado Estado Livre da Irlanda, aconteceu com base em pesadas contrapartidas relativas à perda de parte de seu território, além da submissão do novo Estado à monarquia britânica, embora com status político diferente.

Para os ingleses, o Tratado representou um esforço efetivo e mesmo bem sucedido para atenuar os efeitos de sua derrota militar para o exército do IRA, sob liderança de Michael Collins, com a perda do controle direto sobre grande parte da Ilha da Irlanda. Para mitigar os efeitos potenciais decorrentes de tal derrota, os ingleses negociaram e conseguiram manter uma cabeça de ponte do Império na Ilha, a Irlanda do Norte; o domínio da navegação nos Mares Britânicos, por pelo menos mais 16 anos; o controle dos seus estreitos; e, sobretudo, do Mar Celta, a antecâmara de sua marinha. Preservou, ademais, algum grau de influência (poder de veto) sobre a política externa do Estado Livre da Irlanda, ao mantê-lo como parte integrante do Reino Unido.

## O PRAGMATISMO IRLANDÊS E OS DESAFIOS DO INÍCIO DO SÉCULO XXI

Depois do Tratado de Paz de 1921, o Estado Livre da Irlanda adotou o pragmatismo como orientação de sua política externa, como defendido desde o início por Michael Collins. Embora não tivesse sido o ideal por que havia lutado, para ele:

Under the Treaty Ireland is about to become a fully constituted nation. The whole of Ireland, as one nation, is to compose the Irish Free State, whose parliament will have power to make laws for the peace, order, and good government of Ireland, with an executive responsible to that parliament. This is the whole basis of the Treaty. (Collins, 1922, p. 37).

Como receado pelos líderes revolucionários, o Tratado rachou o Sinn Féin e o Exército Republicano Irlandês. Deflagrou-se então a Guerra Civil Irlandesa (1922-23), ao longo da qual o próprio Michael Collins foi assassinado. Quando ganhou as eleições e assumiu o poder em 1932, Éamon de Valera, opositor ao Tratado e promotor da guerra civil, acabou por adotar ao final o pragmatismo defendido por Collins uma década antes.

Na Irlanda do Norte, logo após a cisão territorial, foram criadas regras eleitorais para garantir o domínio dos Unionistas sobre os católicos locais, mesmo em áreas em que estes tivessem ampla maioria. Ademais, promoveram-se retaliações aos católicos por meio de demissões e assassinatos. A definição das fronteiras entre as duas Irlandas foi negociada e sancionada no Acordo Tripartido de 1925. (Duffy, 2012, p. 116).

As comunidades protestantes do Ulster passaram a viver sob o fantasma da influência e ameaça do vizinho contíguo recém independente. Como a estratégia defensiva era pautada pelo medo, a busca permanente por segurança acarretava uma intensificação da repressão sobre as minorias. Quanto mais a Irlanda do Norte buscava se fortalecer, mais pressionava as populações católicas e nacionalistas de seu interior<sup>24</sup>.

No entanto, o governo do Estado Livre da Irlanda optou pela consolidação de sua estabilidade em detrimento da confrontação com o vizinho do norte. Percebeu que a unificação por ora não iria acontecer, e as forças políticas internas convergiram em relação aos anseios por pacificação de uma população exausta de guerras e conflitos seculares.

In the main the government's programme was characterized by cautions continuity rather than daring innovation. (...) The government also pursued a cautious line in its foreign policy, building up a small diplomatic corps in Europe and America but concentrating on the crucial relationship with Great Britain. (Duffy, 2010, p. 116).

A ascensão de Éamon de Valera ao poder em 1932 consolidou avanços no processo de independência da porção centro-sul da Irlanda em relação à Inglaterra. Num primeiro momento, de Valera suspendeu as anuidades pagas por fazendeiros irlandeses ao governo britânico,

---

<sup>24</sup>It seems clear that the political aspirations of the general Catholic community were regard with hostility at the highest level of the Northern state." (Duffoy, 2012, p. 122).

anuidades pagas por fazendeiros irlandeses ao governo britânico, porém as retaliações lançaram o país numa economia de guerra. O início da Segunda Guerra Mundial, no entanto, acabou por alterar esta conjuntura, criando uma nova oportunidade à Irlanda para avançar na revisão de alguns dos pontos do Tratado de 1921. No âmbito dos Acordos de 1938 com a Grã-Bretanha, destacaram-se: o fim do juramento de lealdade do governo da República da Irlanda à monarquia inglesa; o término da presença de representante da coroa britânica na Irlanda; a suspensão das retaliações responsáveis pelo contexto de economia de guerra na Irlanda; e a entrega ao controle irlandês de portos até então de responsabilidade da Royal Navy (Lough Swilly, Bantry Bay e Cobh).

Durante a Segunda Guerra Mundial, de Valera seguiu firme em sua determinação de manter a Irlanda longe de conflitos. Buscou a neutralidade do país de modo a resguardar a estabilidade e a evitar, a qualquer custo, novos confrontos, rejeitando apelos e pressões internacionais.

É interessante notar que, durante o conflito mundial, parte importante da estratégia nazista de ataque à Inglaterra visou o domínio da antecâmara da marinha britânica, o Mar Celta. A Inglaterra não conseguiu defendê-lo a contento e alterou para o Canal do Norte as rotas de sua marinha mercante de abastecimento para o esforço de guerra<sup>25</sup>.

Diferente do que havia sido idealizado por diferentes líderes revolucionários irlandeses, o século XX resultou na consolidação de duas nações distintas dentro da Ilha da Irlanda e na determinação da religião como elemento identitário e de oposição recíproca. Embora a constituição de 1937 promovida por de Valera tenha evitado o estabelecimento do catolicismo como a religião do estado, ofereceu-se a ela posição de destaque sobretudo no sistema educacional dentro da nova República da Irlanda, também denominada desde então de *Éire*.

Mesmo depois da Segunda Guerra Mundial, os diálogos entre as duas Irlandas seguiram congelados por muito tempo. Só reabriram na década de 1960, mas duraram pouco, de 1965 a 1968. Seu fim coincidiu com o despertar dos movimentos católicos por direitos civis na Irlanda do Norte, por igualdade de direitos políticos, assim como as manifestações e contestações que ocorriam no resto do mundo. A desproporcional reação das autoridades da Irlanda do Norte provocou uma escalada da violência e, mesmo, o ressurgimento do IRA. Iniciou-se uma dinâmica cujas principais

---

<sup>25</sup>“This evaluation demonstrated what could be called geopolitical prescience, in that 38 years after this comment was made in July 1940, the Admiralty was forced to abandon the Marine Antechamber of Britain as a route for Atlantic convoys.” (Sloan, 2007, p. 170).

vítimas foram as populações civis.

Irlanda do Norte, por igualdade de direitos políticos, assim como as manifestações e contestações que ocorriam no resto do mundo. A desproporcional reação das autoridades da Irlanda do Norte provocou uma escalada da violência e, mesmo, o ressurgimento do IRA. Iniciou-se uma dinâmica cujas principais vítimas foram as populações civis.

Depois de inúmeros atentados, retaliações e negociações fracassadas ao longo das décadas de 1970 e 1980, ocorreram nos anos noventa avanços mais significativos no sentido de diminuir as tensões dentro da Ilha da Irlanda. Destaque para o Good Friday Agreement de 1998, em que se estabeleceu, dentre outras coisas: deposição das armas; suspensão de reivindicações territoriais; uso de meios pacíficos para resolução de controvérsias. (Duffy, 1997, p. 130).

Esse período coincidiu com o fim da Guerra Fria, com a difusão da globalização econômica e o projeto de integração européia. Nesses anos, muitos acreditaram que os ressentimentos e os nacionalismos haviam perdido espaço, dando lugar ao sonho da integração de povos, do fim das guerras e das disputas interestatais. No entanto, o que se observa é: (i) o crescimento das tensões entre as mais importantes potências globais neste novo século;<sup>26</sup> (ii) a crise econômica de 2008; (iii) a saída da Inglaterra da União Européia (Brexit) em 2016; e (iv) o crescimento dos movimentos nacionalistas por toda Europa e parte do mundo. Tudo isto parece ter recolocado o sistema internacional de volta à sua velha dinâmica marcada pela competição e conflito interestatal, onde a geopolítica e, com efeito, a geografia exercem seus pesos e suas forças.

As declarações recentes contra a Rússia do ministro da Defesa da Grã-Bretanha, Michael Fallon, em entrevista à BBC, soam como uma advertência de que as antigas orientações geoestratégicas de H. Mackinder relativas ao Heartland permanecem válidas.<sup>27</sup> “That can’t be treating Russia as an equal. Russia is a strategic competitor to us in the West and we have to understand that.” (Reuters, 11/12/2016)<sup>28</sup>.

Portanto, não será surpreendente se, em algum grau, este novo contexto internacional lançar as Ilhas Britânica ou, mais especificamente, a Inglaterra e as duas Irlandas em novas dinâmicas, pautadas por nacionalismos e orientações geopolíticas, quando comparadas a um

<sup>26</sup> Envolvendo direta ou indiretamente, principalmente, os Estados Unidos, a Rússia e a China, sobretudo nas regiões da Europa Central, Oriente Médio e Mar do Sul da China.

<sup>27</sup> Ver Mackinder (1904) ou Mello (2011).

passado muito recente, porém antigas, quando pensadas à luz de processos histórico-geográficos de mais longa duração.

## CONCLUSÃO

No século XII, a Inglaterra invadiu a Irlanda e assumiu o controle de algumas posições estratégicas. Desde então nunca mais deixou de ocupar e dominar alguma porção territorial da Ilha da Irlanda. Num primeiro momento, como em toda a Europa Ocidental, as relações entre os povos das duas Ilhas se pautaram pela noção de ameaça recíproca. As conquistas respondiam aos dilemas de segurança de então.

Para os Irlandeses, como a fonte de ameaça provinha da outra margem do Mediterrâneo Britânico, a insularidade da Ilha da Irlanda transformou-se no elemento norteador de suas relações com o resto do mundo, ou seja, a noção de *uma ilha, um povo*. Para os ingleses, por conta da derrota na Guerra de Cem Anos e da revolução geográfica do sistema internacional no final do século XV, as relações com os irlandeses se transformaram, de ameaça direta e espaço de colonização a parte constitutiva da geoestratégia de defesa da Inglaterra, cujo controle tornou-se um imperativo.

Daí surgiram dois antagonismo: fosse por oposições geopolíticas (ameaças recíprocas derivadas de dois entendimentos distintos acerca da inserção da Ilha da Irlanda no tabuleiro europeu); fosse por diferenças religiosas (derivadas de dois postulantes à herança da cristandade ocidental). Por conseguinte, havia uma convergência natural de interesses entre os povos da Ilha da Irlanda e os inimigos continentais da Inglaterra.

Diante disso, ao longo dos séculos XVII e XVIII, a Inglaterra empreendeu uma engenharia social em larga escala com duplo sentido (geopolítico e religioso), ao promover uma política de estabelecimento de colonos protestantes nas terras dos lordes gaélicos.

Porém, foi durante o apogeu do poder britânico que ocorreu o crescimento do nacionalismo irlandês, processo cuja dinâmica resultou mais tarde na efetiva independência de sua porção centro-sul depois da Primeira Guerra Mundial. Para os irlandeses, esta foi alcançada com base em pesadas contrapartidas sobretudo as relativas à perda de parte de seu território a partir da criação da Irlanda do Norte.

---

<sup>28</sup> <<http://www.businessinsider.com/r-west-cannot-treat-russia-as-an-equal-partner-over-syria---michael-fallon-2016-12>>. Acesso em: 16 dez. 2016.

Para os ingleses, tratou-se de uma significativa derrota, dada a assimetria de poder e o seu significado geopolítico, uma vez que a Irlanda está às bordas da antecâmara do seu poder marítimo e é parte constitutiva da sua geoestratégia em relação à Europa e ao Mundo, como formulada no auge da sua hegemonia e do seu poder imperial de presença global.

Desde então, o foco das tensões passou a ser as relações entre protestantes e católicos dentro da Irlanda do Norte. Avanços mais significativos ocorreram a partir do *Good Friday Agreement* de 1998, período marcado pelo fim da Guerra Fria, pela difusão da globalização econômica e do projeto de integração européia. No entanto, as tensões geopolíticas globais deste início de século, a crise econômica de 2008, dentre outros aspectos, parecem ter recolocado o sistema internacional de volta à sua velha dinâmica marcada pela competição e conflito interestatal.

# THE ENGLISH-IRISH RELATIONS FROM A HISTORICAL AND GEOGRAPHICAL PERSPECTIVE

## ABSTRACT

---

The British Isles are an archipelago formed mainly by the Island of Great Britain and the Island of Ireland. For more than eight centuries, disputes and conflicts between the English and the Irish people have been intense, revealing a structural tension. The purpose of this paper is to analyze Anglo-Irish relations from a historical-geographical perspective. It begins with the geographic specificities that characterize the British Isles in order to understand how these have shaped the relations between the island's people.

**KeyWords:** Ireland. England. Geopolitics. Mackinder.

## REFERÊNCIAS

BRAUDEL, F. 1969, *Escritos sobre a História*. São Paulo, Editora Perspectiva, 2007.

BRAUDEL, F. 1986, *Civilização material, economia e capitalismo séculos XV-XVIII*, vol. 3: O tempo do mundo. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

COLLINS, M. *The Path of Freedom*. Dublin: The Tablot Press, 1922.

CROUZET, M. 1953 *História Geral das Civilizações*, v. 9: os séculos XVI e XVII - Os progressos da civilização européia. Rio de Janeiro: Editora Bertrand, Rio de Janeiro, 1995.

DUFFY, S. 1997, *Atlas of Irish history*. Dublin: Gill & Macmillan, 2012.

ELIAS, N. 1939. *O processo civilizador*. v. 2: formação do estado e civilização. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993. v. 2.

FERGUSON, N. 2003, *Império: como os britânicos fizeram o mundo moderno*. São Paulo: Editora Planeta, 2010.

MACKINDER, H. J. *Britain and the British Seas*. Oxford, UK: Clarendon Press, 1902.

MACKINDER, H. J. The Geographical Pivot of History. *Geographical Journal*, v. 23, p. 421-44, 1904.

MELLO, L. I. A. *Quem tem medo da geopolítica*. São Paulo: Hucitec Editora, 2011.

MORGENTHAU, H. J. 1948, *Política entre as nações*. Brasília, DF: Editora Unb, 2003.

PARSONS, T. H. *The British Imperial Century, 1815-1914: a world history perspective*. Maryland: Roman & Littlefield Publishers, 1999.

RANELAGH, J. *A short history of ireland*, Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1999.

SLOAN, G. Ireland and the geopolitics of Anglo-Irish relations. *Irish Studies Review*, v. 15, n. 2, 2007.

PARKER, Geoffrey (Ed.). *Atlas da História do Mundo*. Londres: The Times, 1993.

Recebido em: 30/01/2017

Aceito em: 15/05/2017

